



FORMAÇÃO DOCENTE: SENSIBILIZAR, PESQUISAR E TRANSFORMAR – UM ATO DE CRIAÇÃO

TEACHER EDUCATION: SENSITIZING, RESEARCHING AND TRANSFORMING – AN ACT OF CREATION

EIXO 5

Roberta Puccetti¹

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Eduarda Marcelino²

Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP/UNICAMP

Silvio Teixeira de Lima³

Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP/UNICAMP

Resumo: Este artigo explora a importância da articulação entre a Arte e a Educação no processo formativo, visando a formação docente. A formação docente contemporânea enfrenta desafios de transcender uma educação baseada ainda em concepções tradicionais. Um dos objetivos é trazer um olhar mais sensível, contribuindo para uma ação educativa de qualidade. Para tanto, é necessária uma educação que valorize a sensibilidade, a estética, a pesquisa, a escuta, transpassando pela experiência. A proposta é a intersecção entre pesquisa, estética/arte e sensibilização para a formação. Com base em conceitos de autores como Freire, Larrosa, Deleuze, entre outros, discutiremos como a desconstrução de saberes consolidados e a valorização da experiência estética da sensibilização permitem a transformação da prática docente, tornando-a mais significativa e humanizadora.

Palavras-chave: formação; pesquisa; sensibilidade; criação; ensino de arte.

Abstract: This article explores the importance of the articulation between Art and Education in the formative process, with a focus on teacher education. Contemporary teacher education faces the challenge of transcending models still grounded in traditional conceptions. One of

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Artes Plásticas. Especialista em Arteterapia e Psicopedagogia. Mestre e doutora em Educação. Pós Doutora em educação - Unicamp. Professora da Universidade Estadual de Londrina. Membro da Federação de Arte Educadores do Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP/UNICAMP. Laboratório de estudos e pesquisas em ensino e diferenças - LEPED/UNICAMP. Pesquisadora nas áreas de formação de professores, Metodologia do ensino de Artes Visuais e Inclusão. lattes.cnpq.br/5521493467808556.

² Graduada em Pedagogia (2019). Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem pela PUC RS (2024). Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP/UNICAMP nas áreas de formação de professores, Didática da Arte e Estética. Professora de Educação Infantil em São Paulo, SP.

³ Graduado em Música (2015). Licenciado em Pedagogia (2019). MBA em Gestão Escolar, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - USP (2022). Arte na Educação: Teoria e Prática - ECA-USP (2024). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP/UNICAMP nas áreas de prática e formação docente, didática da arte e inclusão. Coordenador Pedagógico no município de Mairiporã, SP. lattes.cnpq.br/1462008906145972.



its aims is to foster a more sensitive perspective, contributing to a higher-quality educational practice. For this, it is essential to promote an education that values sensitivity, aesthetics, research, and listening, permeated by lived experience. The proposal focuses on the intersection of research, aesthetics/art, and sensitization within teacher education. Drawing on concepts from authors such as Freire, Larrosa, Deleuze, among others, we discuss how the deconstruction of consolidated knowledge and the valuing of the aesthetic experience of sensitization can transform teaching practice, making it more meaningful and humanizing.

Keywords: teacher education; research; sensitivity; creativity; art education.

1 INTRODUÇÃO

A formação docente contemporânea, bem como, a educação brasileira enfrentam desafios em questões estruturais, sociais, econômicas e políticas. Além destes aspectos, destaca-se também a importância das fundamentações e concepções de educação, que teria que sair da teoria e, efetivamente, fazer parte da prática docente. Os desafios da formação docente no Brasil são centrais para a crise educacional do país, e impactam diretamente na qualidade do ensino.

Acredita-se que a formação necessita de arcabouço teórico; sem dúvida, a experiência e pesquisa aponta que existe um elemento essencial para tal, que é o poder de criação. Esse elemento propicia as conexões entre teoria e prática, desencadeando ações pedagógicas diferentes e consistentes, tendo como elemento importante o desenvolvimento da sensibilidade, tanto para o docente, como para o discente, tornando o ponto estruturante para que haja essa articulação.

O processo de criação, por sua vez, envolve os elementos que se integram na Arte como: o fazer, a expressão, o conhecimento, a escuta, a experiência e as dimensões estéticas. Portanto, a formação docente contemporânea precisa valorizar a sensibilidade, a estética e a experiência para uma formação docente competente, a fim de uma real transformação de uma educação integral.

Essas reflexões tiveram início após um curso de extensão de formação docente oferecido pela UNICAMP/UEL em 2022. Desse curso, originou-se um grupo de pesquisa atuante até hoje, com encontros presenciais e virtuais, dialogando sobre arte e educação, socializando criações individuais — como produções visuais e textos — e desenvolvimento de trabalhos coletivos, como o livro “Arte na Ação Educativa: [RE]Conecta(es) de pensamentos, diálogos e transformações”. Um grupo composto por professores de diversas áreas e linguagens artísticas, aproximados



pela Arte e a educação, provocados e imersos nos conceitos explorados. As trocas, experiências, a escuta ativa, as ideias ampliam nossa perspectiva e geram discussões, reflexões e questionamentos. As respostas, muitas vezes, vêm acompanhadas de uma nova provocação: o convite para olhar para a própria prática docente. Todo esse processo nos leva a desenvolver meios de criar ideias, que desembocam em um processo de criar algo diferente, por meio de diferentes processos rumo a mudanças na sua prática educativa

2 SENSIBILIZAÇÃO: UM NOVO OLHAR PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

A sensibilização no processo formativo implica romper com práticas tradicionais que priorizam a capacitação técnica, promovendo uma abordagem que contemple a dimensão estética, sensível e simbólica, baseada no poder de criação.

Faz-se necessário pensar numa sensibilização que propicie a continuidade e expansão da consciência de uma real dimensão estética no trabalho formativo, que contemple e transforme os espaços e tempos simbólicos nas experiências vividas. Por meio de um processo formativo que envolve a desconstrução de saberes e práticas consolidadas, e assim, permita o surgimento de novos construtos formativos, possibilitando mudanças no modo de ser e fazer sua ação educativa diária e contínua. Possibilitando a desconstrução de saberes e fazeres, ora adquiridos e enraizados, permitindo a reconstrução de novas possibilidades, por meio da reflexão de suas ações e práticas, num movimento de “ação-reflexão-ação” onde, de modo dinâmico, vivo e permanente se permita: “formar - (des)formar – (re)formar” sua ação docente. De modo sensível e significativo, libertando-se de uma formação ora focada na simples capacitação, mas que vislumbre, além disso, alcançando e transformando a sensibilidade de todos os envolvidos no processo formativo. Não se esquecendo do estudante, parte desse processo que, num novo movimento cíclico, produza um novo processo de “construção – (des)construção – (re)construção” contínuo e permanente, tornando significativos seus saberes e fazeres por meio de suas experimentações. Sobre isso, Hebert Read diz:

“E dos nossos Educadores devemos esperar um sistema de educação remodelado, que preserve e enriqueça a sensibilidade inata do homem, a fim de que a actividade prática deixe de ser primária e absurda, prematura



ou destruidora; assegurando um equilíbrio perfeito das faculdades sensíveis e intelectuais, está dando o primeiro passo para uma época criadora.” (Read, S.D., p. 75)

3 A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA: A ARTICULAÇÃO COM A PESQUISA

Esse olhar para a experiência pessoal revela um aspecto central na formação docente, onde cada participante atue em contextos diversos, seja da educação infantil ao ensino fundamental, da pedagogia à gestão educacional ou ainda pelas relações nas várias linguagens artísticas. Buscando construir sentidos a partir da própria ação educativa, onde, nesses momentos de estudo e diálogo, tem-se a oportunidade de revisitar sua prática, e por meio das trocas de experiências, saírem fortalecidos para uma real transformação de suas práticas, como afirma Puccetti:

Pensar sobre essas concepções arraigadas e como elas marcam a formação atual dos professores talvez explique porque muitos professores não conseguem realizar uma prática relacionada com uma concepção de ensino dinâmica e contemporânea, pois possuem uma compreensão de ensino e aprendizagem que não condiz com a realidade e com as necessidades contemporâneas educacionais, que às vezes precisam ser revistas e transformadas visando melhorias na formação docente e consequentemente na prática (Puccetti; et al, 2014: n.p.).

Nesse movimento de reflexão e pesquisa, os conceitos e conversas vividas impulsionam a ir além da mera reprodução de práticas, abrindo espaço para uma transformação que, embora singular a cada trajetória, também seja coletiva. Nessa perspectiva, abordada na ideia de Freire (2014), de que ensinar exige abertura para aprender com a experiência e com o outro, reconhecendo-se como sujeito em constante formação. As discussões em grupo ampliam o olhar, permitindo identificar pontos em comum, que inspiraram novas possibilidades, partindo das partilhas realizadas.

Ao investigar a própria prática, se aproxima de si mesmos enquanto autores das ações educativas, atribuindo-lhes novos significados. Também se aproximam uns dos outros, vivenciando experiências artísticas, como compartilhar imagens, músicas, poemas dentre tantas possibilidades. E o impacto desses encontros é sentido no cotidiano: “- Estava na escola e lembrei daquilo que você compartilhou”, alguém dizia.



Essas vivências fortalecem o protagonismo, fazendo-se perceber o quanto a capazes de criar e transformar a prática docente. As fendas, por onde se infiltra a possibilidade de mudança, tornam-se visíveis apenas quando se sensibiliza. Tanto as produções coletivas, quanto as reflexões compartilhadas ajudaram a se apropriar de ideais e seguir construindo, sentido para o que se constrói no chão da escola.

Ao olhar para a formação docente, por meio das experiências relatadas, se leva à valorização da pesquisa e integração das linguagens da Arte na vivência, na relação entre a dimensão estética e na ação educativa, e na importância de buscar algo novo. Traz também o conceituar para identificar as qualidades do real, para se aprofundar, porque na superficialidade não há transformação.

4 A EXPERIÊNCIA COMO FIO CONDUTOR

E para dar continuidade à reflexão, é indiscutível a busca do conceito de experiência, a fim de identificar suas abrangências e insuficiências, numa perspectiva voltada para uma formação docente sensível e estética.

O que se idealiza por experiência, numa formação docente sensível e estética? Como experiências decorrentes da estética podem se tornar parte crucial na formação de professores sensíveis? E fechando essas ambiguidades, mas não esgotando o tema: Onde se tem a supressão ou a apresentação errática da experiência, sem a visualização da sensibilidade nem da estética, quais os prejuízos para essa formação docente?

A fim de se conceituar o termo experiência, apoiando-se em dois autores que visualizam a expressão de modo antagônico e auxiliarão nesse percurso. Para Tardif, os saberes e episódios habituais do cotidiano, individuais e coletivos validam a experiência permitindo-a “saber-ser”, conceituando a experiência como:

O conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provém das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos [...]. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação (Tardif, 2010, p. 48).

Já, para Larrosa, a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2014, p. 18). Ele vai à contramão do que diz Tardif, ao proferir que a



experiência não deve ser compreendida por meio da lógica da ação; para ele, vê-se necessária a separação “prática e experiência”:

[...] A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (Larrosa, 2014. p. 10).

Nesta perspectiva, entende-se a formação de professores como um elemento apreciativo desta experiência, na condição de um processo transformador da sensibilidade, primeiramente, individual e, depois, coletiva, pensando numa formação do ser professor contemporâneo em toda sua complexidade e completude.

Para tanto, vê-se necessário se pensar na valoração da experiência, onde os atores deste processo (formador e formando) estejam inteiros, por meio do desconhecido, do insólito, desnudando processos criativos, permitindo a abertura ao sensível e ressignificando seus percursos formativos.

A experiência nos convida a reflexão sobre a linguagem, sobre o conhecido, sobre as paixões, sobre o ser sensível não como uma quimera de conceitos e conteúdos elaborados para uma reprodução sem sentido e sem propósito, mas da formação docente vivenciada por seres, permitindo que nossas experiências tutelem nossa sensibilidade, dando real sentido à nossa ação educativa.

5 ARTICULANDO: PESQUISA-FORMAÇÃO-SENSIBILIDADE

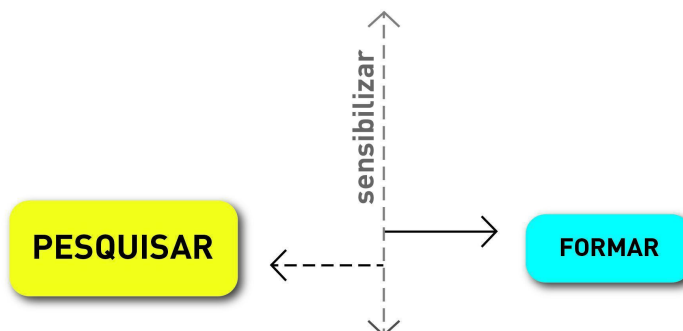
Historicamente num modelo academicista, o destaque sempre recaiu sobre as dimensões técnicas e/ou instrumentais no ensino, sempre numa relação dicotômica entre pesquisa e formação, onde quase sempre preteriu a sensibilidade num processo secundário e de invisibilidade, ocultando as dimensões da estética e do sensível no processo formativo (*Figura 1*). Rancière traz luz para compreensão da sensibilidade nesse percurso:

Esse sensível, subtraído a suas conexões ordinárias, é habitado por uma potência heterogênea, a potência de um pensamento que se tornou ele próprio estranho a si mesmo: produto idêntico ao não-produto, saber



transformado em não-saber, logos idêntico a um pathos, intenção do inintencional etc. Essa ideia de um sensível tornado estranho a si mesmo, sede de um pensamento que se tornou ele próprio estranho a si mesmo, é o núcleo invariável das identificações da arte que configuram originalmente o pensamento estético[...]. (Rancière, 2009: 33 e 33)

Figura 1 – Organograma de uma relação dicotômica “pesquisa e formação”, onde a sensibilização fica oculta no processo.



Fonte: Os autores.

Na seara educacional, Freire (2014) contribui ao debate, quando coloca que, o ato de educar requer mais que “transmissão” de conteúdos, contempla o discernimento das humanidades envolvidas no processo formativo:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 2014, p. 25)

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica. Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético, permita-se-me a repetição (Freire, 2014, p. 45 e 46).

Já a pesquisa, sendo integrada ao processo formativo, não deve se limitar, apenas, a uma combinação e cruzamento de dados. Antes, deve dispor de um ambiente de problematização da própria experiência formativa, e assim, reconhecer o que antes parecia oculto: o sensível, o estético e o afetivo, valorando sua relevância nesse processo de “ler e reler o outro”, o que é isso, senão ser sensível, Freire direciona nesta trilha:



Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto (Freire, 2014, p. 80).

Mantoan nos presenteia com uma concepção de pesquisa quando diz:

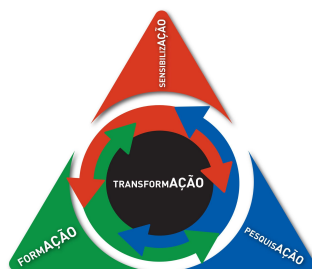
Ensinar implica um professor que, como o aluno, sente-se afetado pelo que ensina, que atua sem hierarquia de inteligências, ou melhor, que não se considera como alguém que sabe mais, sempre. Ele considera o saber de quem ele ensina, reconhece que ensinar acontece em um encontro essencial, que reúne duas pessoas interessadas uma na outra e no conhecimento que, naquele momento, permeia essa relação. Ensinar com paixão ao propiciar um acervo de conhecimentos ao aluno, mas de forma livre, autêntica, sem previsões de quando e como o aluno vai aprender. Ensinar sem previsões, sem controle e mensuração faz do ensinar a conhecer uma outra experiência, que queremos introduzir na escola, reconstruindo o que é próprio do saber que nela acontece com prevalência (Mantoan, 2017, p. 27).

Na intersecção entre ensino e pesquisa e sua importância no processo de ensino e aprendizagem envolvendo docente e discente, Freire traz:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 2014, p. 30).

Portanto, a tríade proposta, “pesquisa – formação – sensibilidade”, apresenta um paradoxo na contemporaneidade: o desafio premente de permitir a visibilidade do que se mostra oculto, trazendo, à margem, a sensibilidade, entrelaçada à pesquisa e à formação docente, por meio do reconhecimento de sua identidade como dimensão basilar na edificação de um processo formativo crítico, inclusivo e, sobretudo, transformador (**Figura 2**). Descortinando essa sensibilidade, permitindo que o ato formativo seja percebido não apenas como transmissão ou uma simples prática do conhecimento, mas como experiência ética e estética de relações com o outro, onde todos são afetados e transformados, e só assim, podendo, de fato, transcender sua ação docente.

Figura 2 – Organograma da tríade: “pesquisa - formação - sensibilização”, onde a sensibilização é parte do processo, o cerne de uma real transformação na ação educativa.



Fonte: Os autores.

6 DO CAOS À FORMAÇÃO CRIATIVA: UM PROCESSO FORMATIVO/SENSÍVEL /CRIATIVO

Em uma formação docente, onde a pesquisa, a experiência e a sensibilidade no exercício humano nos desafiam a criar um termo novo, Formação Criativa: uma proposta conceitual, compreendida como uma formação que não se limita pura e simplesmente nas competências, nas linguagens artística, ou mesmo, apenas na transmissão de saberes consolidados, pelo componente de Arte, mas e sobretudo, direciona-se ao cultivo da sensibilidade e nas brechas ao inesperado, trazendo a importância da Arte e do processo de criação para a formação.

Para isso, emaranhando ao pensamento filosófico de Gilles Deleuze, que vê o pensar não como um resultado simples de racionalidade ordenada, mas um ato de enfrentamento com o “caos”, compreendido não como desordem absoluta, mas como uma seara de potência, de virtualidade e força, por se ordenar e se (re)ordenar num movimento cíclico de “ordem - (des)ordem - (re)ordem”. Onde e por meio desta cinesia do caos, num constante movimento criativo e transformador que busca elevar a sensibilidade, seja pela estética, pela ética ou mesmo pelo movimento formativo. Sobre isso, Barbara expõe:

Deleuze é um pensador cruel da filosofia. Cruel, porque lida com um pensamento não costumeiro, de difícil acesso para um pensamento acostumado, de conceitos que se misturam e se completam em uma filosofia rizomática, que faz do pensamento uma máquina de guerra a afrontar o próprio pensar. Uma filosofia que é desconfortante, que movimenta, que promove o caos dentro do caos que vivemos. (Barbara, 2020, p. 151).

O ciclo “caos → ordem → (des)ordem → (re)ordem” ajuda a desnudar para a formação criativa, que a mesma deve se manter aberta ao trânsito da experiência e da sensibilidade e nunca se acomodar numa estabilidade absoluta, logo, o processo



formativo/criativo deve sempre sensibilizar no limiar entre o caos e a ordem, permitindo que este processo se torne um espaço de invenção e transformação criativa. Afinal, esse processo não é linear, muito menos fechado, mais circular ou espiralado, possível de demonstração, quando a “ordem” e a “desordem” mostram-se “abertas”; isso, porque não são o fechamento, mas processos transitórios de um novo ciclo contínuo e processual de novas possibilidades, partindo do construído – novo caos, para novas (re)construções – novas (re)ordens, para novas (des)construções – novas (des)ordens num ciclo contínuo e sem fim.

A formação criativa, nesse contexto, não se limita a um recurso periférico da experiência estética, mas torna-se condição para a emergência do pensar. Não sendo mera concretude da expressão, mas as potências que a atravessam. Assim, a experiência formativa e criativa não se limita à mera reprodução, mas cria-se zonas de convergências onde se “afectam” e são “afetados”, configurando subjetividades e modos de estar no mundo. Neste contexto, Deleuze e Guattari afirmam que:

A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si (*quid jûris?*), embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais (*quid facti?*), [...] E o criador, então? Ela é independente do criador, pela autoposição do criado, que se conserva em si. O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de *perceptos* e *afectos*. (Deleuze, 2010, p. 193)

Destarte, o processo formativo/sensível/criativo, no pensamento deleuziano, obriga a reconhecer que a formação em Arte não se deve reduzir à mera apropriação das linguagens artísticas como fins em si mesmas, mas atingir o sensível, como construção para a transformação, como potência criadora do/no caos. A formação criativa, nesse trajeto, apresenta-se como força na produção de *afectos* e *perceptos* para além da palavra, instituindo processos para uma pedagogia da sensibilidade e, consequentemente, de processos criativos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ofício do professorado, formadores e pesquisadores, de modo individual ou coletivo, foram moldados, muitas vezes, por imposições unívocas de uma sensibilidade e, por vezes, de um processo criativo canônico, quase sempre neoclássico, ou, porque não dizer: dicotômico. Diante disso, se chega à dolorosa



conclusão de que, em grande parte das trajetórias, não “fomos”, de fato, sensíveis/criativos.

Essa condição esteve calcada não apenas no que “somos”, mas também no que fizeram conosco. E, sobretudo, no que nos tornamos ao longo da caminhada. Caminhada esta que se constituiu como trajetória polissêmica de uma sensibilidade/criatividade que foi, gradativamente, descaracterizando-se do modelo imposto e fazendo todo sentido neste percurso.

Diante desse processo, se propõe uma nova visão para a formação: a formação criativa, onde o ser sensível e o ato de sensibilizar, permita quebrar paradigmas, se pisar em lugares inesperados e abrir espaço para representações ainda por viver. Uma sensibilidade que não está dada, mas que precisa ser construída, reconstruída, desconstruída...e ressignificada.

Trata-se de uma sensibilidade/criativa que considera o ser em movimento no que ele traz, no que ele pode vir a ser e, sobretudo, naquilo que ele constrói com o outro. Uma sensibilidade/criativa que dá sentido às experiências, aos caos vividos, aos fragmentos e reconstruções que constituem o ser sensível. Somente assim será possível se conectar e, ao mesmo tempo, refazer-se como ser sensível/criativo. Neste contexto, a Arte traz todo o arcabouço necessário para se desenvolver uma Formação Criativa.

Para tanto, se tentou ressignificar o sensível, a fim de dar sentido a uma verdadeira ação docente na Arte e educação e na formação estética e criativa do docente. E, a partir disso, se coloca também um desafio: que cada professor se arrisque a refazer esse movimento do caos à ordem, da ordem à (des)ordem, da (des)ordem à (re)ordem na busca de uma real formação criativa, que passa, transpassa, emaranhando todas as fissuras deixadas no caminho formativo.

Para isso, será preciso, antes de tudo, encontrar-se com o seu próprio ser sensível. Só então, e apenas então, terá condições de se (trans)formar e, nos encontros, experimentar a sensibilidade e o ato criativo e, só assim, ressignificar sua ação docente. “Nós fizemos isso, e desafiamos vocês a fazerem essa trajetória. E garantimos: Faz toda diferença e sentido!”



REFERÊNCIAS

BARBARA Rodrigo Peixoto. Deleuze e o pensamento do e no caos: a filosofia que des-dobra. In: Ensaios Filosóficos, Volume XXI - Julho/2020 (149-169). Disponível em: https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo21/10_BARBARA_Ensaios_Filosoficos_Volume_XXI.pdf. Acesso 24 ago. 2025.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. 4. ed. Rio de Janeiro. RJ: Paz e Terra, 2022.

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. RJ: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. O que é filosofia?. 3. ed. Rio de Janeiro. RJ: Editora 34, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 49. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2014.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér M. A pesquisa como prática educativa: construir novos modos de ensinar na escola, in: Ana Teresa G. A. M. Mariotti, Valéria C. B. Cantelli, Roberto Pereira. organização. Borges, Roberta Rocha, coordenação. Do projetar o contexto investigativo ao maravilhar-se: quais caminhos seguir? Campinas. SP: 148 Educação, 2017. (P. 25 – 32).

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

READ, Herbert. A filosofia da Arte Moderna. Portugal: Ed. Ulisseia, S.D.

PUCETTI, Roberta.; BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho.; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira.; MARQUES, MMichelli Albano de Lima Pereira. Rede Arte: Contribuindo para a formação continuada/permanente do docente. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117062/Educa%20a7%20a3o%20-%20REDE%20ARTE%20CONTRIBUINDO%20PARA%20A%20FORMA%20c3%87%20O%20CONTINUADA%20PERMANENTE%20DO%20DOCENTE%20281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 set. 2025.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.